

FARÁO E A ÁGUA DO RIO*

Katia Bueno Romanelli**

O exame das fontes documentais relativas aos ciganos, constantes do Arquivo João Guimarães Rosa do IEB, revelou a existência de material em diferentes fases de elaboração, material esparso e um dossiê organizado sob o título "Faráo e a água do rio", mesmo título de uma narrativa publicada em *Tutaméia: terceiras estórias*¹.

A documentação pré-redacional compõe-se de palavras, frases e expressões anotadas e recriadas, pesquisa vocabular ampla de motivos e temas, topônimos e apelidos, antropônimos, referências a locais de acampamento de ciganos no Brasil (Paraopeba, Matosinhos, Cambuquira, Prata), com detalhes de acontecimentos e fatos, estudos de variados grupos em diversos países (Itália, România, Índia, Egito, Alemanha, Hungria, Turquia, Grécia), caracteres étnicos e lingüísticos, hábitos e costumes, bem como transcrição de trechos de obras consultadas pelo escritor.

No total, são 38 páginas em papel tamanho ofício, manuscritas e datiloscritas, 15 folhas arrancadas de caderno e 12 páginas datilografadas, em francês, com o título INTRODUCTION AU DICTIONNAIRE TZIGANE, e indicação de autoria: Rade Uhlik.

O texto "Faráo e a água do rio" tem 12 páginas, não numeradas, em papel ofício, com 24 linhas por página, num total de 332 linhas, com emendas manuscritas. A narrativa conta a aventura de ciganos acampados em Vista-Alegre, Minas Gerais, e a movimentação local face à presença dos mesmos.

* Este estudo é parte de tese de doutorado "A álgebra mágica" na construção dos textos de Tutaméia, de João Guimarães Rosa, defendida na FFLCH/USP, mar. 1996, sob orientação da Profa. Dra. Cecília de Lara. Trata-se de resultado de pesquisa documental realizada junto ao Arquivo João Guimarães Rosa do IEB. Na transcrição, respeitamos a ortografia do autor.

** Doutora em Literatura Brasileira - FFLCH/USP.

1. ROSA, João Guimarães. *Tutaméia: terceiras estórias*. 1. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1967.

Os elementos composicionais de "Faraó e a água do rio" traduzem a pesquisa realizada e registrada por João Guimarães Rosa em seus apontamentos. O componente cultural que perfaz a narrativa é denominador comum dos textos sobre ciganos publicados em *Tutaméia*.

Exemplificamos. O registro duplamente assinalado no dossiê do manuscrito "Faraó e a água do rio": "m% - Tzigano non lava non, ganjon, para não perder o cheiro..." é introduzido em "Faraó e a água do rio", publicado em *Tutaméia*: "- Cigano non lava non, ganjón, para não perder o cheiro..." (p. 58). Inúmeros são os registros relativos aos textos sobre ciganos (editados) que compõem o dossiê do manuscrito.

Os testemunhos são transportados para diferentes suportes físicos, gerando uma profusão de anotações a que JGR acrescenta sempre outras, recriando-as. Ainda, os procedimentos formais indicam etapa de aprofundamento da pesquisa voltada para o exercício vocabular, dimensionado segundo subtemas já explicitados.

No cotejo dos testemunhos constatamos a existência de elementos comuns de pesquisa, anotada e recriada, em diferentes suportes, com aproveitamento em diferentes textos.

Recorte:

"Usam panos coloridos em volta do corpo, que servem de vestidos, e blusas cheias de cor. Nos cabelos, invariavelmente, * está presa uma flor [subl. a lápis] e nos braços e dedos, longas pulseiras e finos anéis, sempre em ouro".

Dossiê:

Suporte 1 - datiloscrito com palavras rasuradas:

"ROUPAS

"complicadas corolas (m%)

"verde-pimentão (m%)

"roupagens impressionistas

"a cigana em verde, em vermelho (m%)

"malagueta

"vermelho malagueta (m%)

"vermelho pimenta (m%)

"sarapintado de vermelho e amarelo

"moedas de adorno"

Suporte 2 - datiloscrito sem rasuras:

"m% - complicadas corolas

"m% - verde pimentão

"m% - roupagens impressionistas

"m% - a cigana em verde, em vermelho

"m% - malagueta

"m% - vermelho malagueta, vermelho pimenta

"m% - sarapintado de vermelho e amarelo

"m% - moedas de adorno"

"Faraó e a água do rio" - manuscrito:

"Havia mulheres com saias largas, amplas, pregueadas, pintadas de cores claras, chita florida, verdes, vermelhas, azuis e amarelas". (p. 11, L. 309/12).

"Outros caipiras se extasiavam, tomando aquilo tudo por festa. Por causa das moças, principalmente. As moças de tranças pretas tombando às costas, alegríssimas nas chitas ramadas, sarapintadas de cores, pedindo a mão para ler a sorte: - Põe uma prata aqui, que eu falo melhor. O senhor é nervoso, e muito nervoso, dinheiro ganha, dinheiro gasta, tem uma namorada, que se chama... que se chama..." (p. 12, L. 321/27).

"Faraó e a água do rio" - editado:

"Siozòrinho no domingo definiu, voltado de onde fora-de-raia êsses acampavam, com as velhas e moças em amarelos por vermelhos. [...] dos alindes do corpete à saia rodada, a rogar os sapatos de alto". (p. 58).

Outros registros identificam a minoria cigana, estigmatizada sob a condição de marginal, que vive em bandos, praticando roubos e enganando pessoas.

Recorte:

"Na trilha da maldição"

"Em tempos atrás, cigano era sinônimo de ladrão e vagabundo.

"Em consequência dessas perseguições, ocasionadas pela fama que sempre tiveram, explica-se a atitude de desconfiança que demonstram os ciganos para com os estranhos".

Esse motivo acaba por se integrar aos textos:

"Faraó e a água do rio" - manuscrito:

"Sóia vigia suas esterlinas, ou de outras moedas, num saco de veludo. Ela sabe rezar o tempo, avisa que amanhã podem partir. Hoje roubam mais do que podem. De amanhã, nasce outra vida." (p. 2, L. 36/8).

"Quem tinha cavalo para negociar tratava de tê-lo à mão. Quem tinha tachos ou caçarolas para concertar cuidava de pensar se valia pena. Quem tinha meninos pequenos escondia-os, pois era crença de que podiam ser roubados. Meninos, e galinhas, cabritos, dinheiro, qualquer coisa roubável, pelo não, pelo sim. E no mais, nada mais ficava alterado. Tres a cinco dias, e lá se iriam os ciganos." (p. 11, L. 281-7).

"Faraó e a água do rio" - editado:

"Eram os sobreditos Güitchil e Rulú, com arteinice e utensílios - o cobre, de estranja direto trazido, a pé, por cima das montanhas. Senhozório tratara-os à espreita, podiam mesmo dormir no engenho; e pôs-se para vigiá-los o filho, Siozòrinho.

"Sua mulher, fazendeira Siantônia, receava-os menos por rapina que por estranhezas." (p. 57, L. 7-13).

"[...] pendiam-lhes as tranças de solteira e refolhos cobrissem furtos e filtros." (p. 58, L. 75-6).

“Já armada vinha a gente da terra, contra êles, denunciados; porquanto os ladinos, tramposos, quetrefes, tudo na fingitura tinham perfeito, o que urdem em grupo, a fito de pilharem o redor, as fazendas. Diziam assim.” (p. 59-60, L. 115-8).

Nos recortes de jornal, JGR assinala outras características tais como o nomadismo, a organização social dos bandos, os acampamentos, o gosto pela dança e pela música, as superstições, a religião.

Nas anotações, ao lado de vocábulos isolados, o escritor elabora frases que se traduzem literariamente:

“Vozeiro, linguajar, o perene vozear do acampamento.

“Longas conversas à margem da berganha de cavalos.

“- Põe uma prata aqui (na mão dela).

“- O senhor é nervoso, e muito raivoso. Dinêro, ganha, dinêro gasta. Tem uma namorada, que se chama, se chama... Maria? Teresa?...”

Surgem princípios organizadores com articulação lógica entre seus segmentos. Ao lado das anotações e das relações sintagmáticas, uma sucessão de enredos amplificados, dentro de uma ordem seqüencial, mostra o detalhe dessa amplificação, evoluindo da frase para o processo de textualização, pela introdução simultânea de determinantes descritivas e narrativas:

“1. O fazendeiro: morte no quarto: 100\$000

“2. O casamento. Cavalos enfeitados. A banda de música

“3. Olha a mais bonita: loira

“4. Os trinta cavalos do chefe Colomano

“5. Constou que no meio dêles havia um que era o Rei, Rei do baralho, nenhum tinha barba.

“6. O que contratou senvergonhice. No escuro, foi uma velha, em vez da môça.

“7. A paixão do rapaz.

“8. Não teem ciumes? É, vai brincando, para ver...

“9. Mas não estão creadas, não se vê espingarda. - Tudo escondido...

“10) vinho (receitado) [ms]

“11) os cabritos”. [ms]

O levantamento vocabular é bastante amplo, destacando-se estudo de palavras, frases, topônimos, antropônimos, traços físicos e caracteres psicológicos e comportamentais - fontes para elaboração textual.

“Alcunha: (degeneraram em nomes próprios, com o hábito):

"O Beijo, o Rôla, o Catú, o Come-Pólvora, etc. = célebres ciganos das partidas de Minas, que passaram à tradição.

"Outros (Da Cidade Nova)

"João é MIJIM-MIJIM

"José = Pés de rato

"Luiz = Trepadêra

"Joaquim = Papagaio

"Antonio = Mindinho

"e: Pernas-Finas, Bôca de buracos

"Maripim

"Mulheres:

"Floribela = Fefê (Fefê)

"Zimbilim

"Tindóla Côco Verde

"Gibó

"Marmelada

"Canela

"Pé-de-Tomate

"('Nisso os nossos calons divergem dos da Rússia, que dão às mulheres o nome das flores, das estrêlas e das rainhas)".

O texto manuscrito de "Faraó e a água do rio" inicia-se com referências às personagens ciganas, Golias Báh, o velho Pracatafo, Lázaro Kussuvitch, Arva Chomá, Vida e Ielena, Ivo Cianó, Sóia, Laleá, comandados pelo chefe Teodoro que, acampados em Vista-Alegre, ponto de descanso, armam suas barracas e iniciam suas atividades. O povo do arraial desconfia dos ciganos: o cobrador Raymundo-dodó; o jovem Paulo Pedro, caixeiro de Seô Maurentino e noivo de Maria de Lurdes (Lurdinha); Octaviano, segundo caixeiro; o môço Simões; Olympinha do Gonçalves definhando por amor ao guarda-freios Ricardim, cujo namoro fora vetado pelo pai; o alfaiate português Antunes; José Gambá, que ameaçara matar sua mulher por suspeita de adultério; Dona Adelina; Neco e Luiz, filhos de Antonio Mendes; Isidra; Mestre Cupertino; Sià Maria Anica; Nhá Duína; Padre Afonso.

A técnica de composição apóia-se na narratividade, marcada no âmbito do social. As realidades dos ciganos e do povo local são sublinhadas quase paradigmamente, possibilitando estruturação especificada em instância enunciativa de diferentes eventos reais, ficcionalmente elaborados. JGR sugere pretender projeções de esfera de vida real, apontando para eventos, personagens, estados, costumes, situações - um espaço físico e social marcadamente realista.

O texto literário é construído a partir de estudo e observação da realidade. O escritor permite-se olhar para o mundo que o circunda com olhos de pesquisador atento, detendo-se no desenho fortemente marcado do ambiente e da geografia

locais, perscrutando rostos, gestos, atos e hábitos. O meio histórico-sócio-cultural ocupa o primeiro plano da narrativa; à sucessão de fatos e ao encadeamento das situações e episódios cabe lugar secundário.

"[...] Mas de hoje, ainda, estacionam por lá, comprando, como aqui talvez, berganhando automóveis e peças de automóveis. Só, sim, que agora Golias Báh e o velho Pracatafo possuem aparelhos de rádio, e Lázaro Kussuvitch pede jornal emprestado, para conferir a lista do câmbio. De aí, até o fim, Vida e Ielena a farfalhar, de casa em casa, propondo a buena-dicha e dedeando sua rapina. Outra megera, como Arva Chomá, guisa galinha para os mais, e guarda para si as tripas, que torra no borralho. Ciganinhos frojocam entre as barracas, ferrando luta e gritando no cinco de sânscritosal-e-água que todos falam. E instalam forja à borda da estrada de um grupo de homens caldeireiros, reiros, reiros, de martelo de-manhã e ao pôr-do-sol, como um concêrto de arapongas." (p. 1, L. 2-14)².

"Todavia, o trem-de-ferro passava e se ia. Atravessava Vista-Alegre como um relâmpago atravessa o céu, mais nada. Mesmo o que lá deixava de si, era transformado, vista a estrada-de-ferro do lado do avêso, que é o lado humano. Os guarda-chaves, rondantes, trabalhadores de lastro, o Agente, o Conferente, eram moradores da terra. Misturavam nas suas conversas observações e comentários profissionais, que humanizavam a poderosa aparelhagem de comboios, de locomotivas, de telegramas, de bandeiras verdes e vermelhas. Passava o trem, e se ia, e Vista-Alegre se agachava de novo entre seus morros verdes, sob o macio do seu céu, entre as vozes de seus galos, que cantavam de dia, * cata-cantavam [sobrl. sup.] soníferos, de quintal em quintal." (p. 8, L. 207-17).

A estruturação do texto organiza-se em instância enunciadora, por meio de seqüência de acontecimentos que situados nas relações entre as personagens e os meios geográficos e sociais. A técnica utilizada define-se pela diminuição da ação, para combinar elementos essencialmente descritivos que conduzem às intrigas paralelas. Assim, "Faraó e a água do rio" contém elementos de narração que substituem formas dramáticas por descrições - uma combinação de diálogos cênicos, indicações detalhadas que relacionam cenário, caracterização de personagens por suas réplicas em diálogos convencionais. As conversações puramente técnicas guardam um vínculo com a palavra e aproximam-se mais da declamação do que da narração propriamente dita. Desta forma, os diálogos limitam-se a palavras explicativas, assemelhando-se, por vezes, a um simples relato oral.

"O chefe Teodoro se lembrará, êsse ciganão de olhos de estanho. Seguro que êle estava em Vista-Alegre, e sabe de tudo. Mas mente, no não e no sim, por trás da bôca: - Qu'êsse-ú? Todos parentes, famílias... Conhece non, nunca estava. Rei nosso, em Rio de Janeiro. Menos de segrêdo Ivo Cianó, cabo no idioma." (p. 1, L. 15-9).

"- 'Eh, Mingo, cigano 'tá aí! Isto vem de Adão?"

"- 'Sei lá, cigano... Quero nada com êles..." (p. 7, L. 170-1).

2. Optamos pela transcrição, sem o registro de emendas realizadas pelo escritor, para melhor visualização dos elementos narrativos comentados.

O estatuto das personagens define-se por seus predicados (traços fisionômicos) e pelas circunstâncias (meio social, ocupação profissional). A ênfase narrativa consiste em delinear a intriga; assim, as personagens, apenas esboçadas, são determinadas pelo mundo circundante e seu perfil é construído por sua experiência prática no contexto espacial e temporal em que se movimentam, segundo a posição social que ocupam e a vida que levam.

"Dona Adelina se ia também, com sua chocolateira. Seu olhar não se atrevia a pousar-se em José Gambá, conforme a dona desejava. Curvada, encolhida, fremin-do intimamente de gôsto malsão, não deixou porém de passar o mais rápido possível do homem feroz, que a qualquer momento iria descobrir o concubinato da espôsa, e beber-lhe o sangue. Ah, Dona Adelina bem que pensava saber quem era o amante da Isidra... Ah, úi se o o José Gambá pudesse ler o nome do sujeito, na cabeça dela... Dona Adelina se envolvia mais, em sua castidade, em sua virtude. Foi-se encolhida, com o gôsto intelectual e invulnerável de quem se porta bem e se separou da vida de todos, por timidez e prudência. Ciganos! Essa gente que viu Christo na Cruz. Eles teem maldição... E dona Adelina se apressou embora." (p. 7, L. 172-84).

O modelo narrativo empregado é o mais autônomo possível quanto à clareza de linguagem e aos procedimentos argumentativos. O narrador em terceira pessoa organiza o texto, distribuindo indicadores de tempo e espaço e a estrutura faz-se pela segmentação definida na demarcação de espaços em que ocorrem diferentes papéis/locais/situações, quer se trate dos ciganos ou dos moradores do local: o acampamento e a cidade e a relação que se estabelece pelo contato social.

"E Vista-Alegre é um burgo boníssimo. Construíram-no numa bacia redonda, entre morros verdes, o Coração de Jesus é o seu padroeiro; e sua matriz, de duas tôrres, que domina do semi *meio [ms, entrel. sup.] alto a região, foi levantada em piso de pedra, para navegar longe no futuro. Na rua de Cima *ou de São José [sobrl. sup.] moram mais os fazendeiros, na de Baixo reside o forte do comércio; e esta só tem um lado de casas, que contemplam, infra, a Esplanada da Estação, sombreada de cedros e riscada pelos trilhos dos desvios. Mas como tudo se dispõe em muito larga ladeira, ainda há, inferior, outra ruazinha, essa sem nome nenhum, de gente pobre. Tira transversalmente - cortando a de Cima, a de Baixo, a linha férrea e a ruazinha anônima, e separando o corpo do arraial do môrro-da-Igreja - há a rua de Todos os Santos, ou Avenida, ou do Açougue, ou do Justino Pereira, ou Rua Nova, segundo os fastos. Entre o fim dela, num Largo ou praça incompleta, e os fundos da ruazinha sem batismo, se estende a Várgem, baixada-capinzal, onde se isola uma ou outra casola e o corguinho serpenteia. Esta é Vista-Alegre, fora seus subúrbios. Deus a contenha." (p. 3, L. 61-76).

"Porque o caso começou, no dito de 1916, anteriormente às chuvas mas bem depois das queimadas, e pois, a fôrça, do meio para o fim de setembro ou em entrada de outubro, posto que já aí em seguida por via de regra chove, logo após a revoada das tanajuras, um dia, portanto tinham chegado os ciganos." (p. 3-4, L. 77-81).

Os indícios descritivos isolados das circunstâncias levam-nos a imaginar um contexto extra-verbal situado num espaço determinado, apontando para um enredo sugerido através de longas e numerosas notações que conduzem rigorosamente à evocação da realidade cultural. O escritor dá toda ênfase possível ao cenário, introduzindo uma variedade de elementos que a realidade lhe fornece. A descrição das personagens, que funciona como preparação e moldura para este cenário, faz-se precisa e cumulativamente, sem que apresente qualquer reflexão sobre a função da memória ou desdobre-se em vários sentidos.

"[...] Podia-se distinguir, além da maioia - ciganos vistosos, - um bando também, da outra raça dêles, daqueles quase como gente comum, os homens vestidos como todo o mundo, apenas com o sombreiro desabado na cabeça, e anéis em todos os dedos, e as mulheres com lenço na cabeça e chale de côr. Esses eram ciganos pobres, dos mais antigos, se diziam gitanos. E eram os melhores para conhecer cavalos. Ficavam a parte dos outros, do lado de lá do corquinho à cuja margem direita e grosso daquele exército se plantara. Mas os outros eram estrangeiros demais, exquisitos em tudo. Havia mulheres com saias largas, amplas, pregueadas, pintadas de côres claras, chita florida, verdes, vermelhas, azuis e amarelas. Mulheres ao mesmo tempo insinuantes e esquivas, com o perpassar de aves, querendo penetrar e logo fugir de qualquer porta. E cintilantes de joias, brincos enormes, argolões, colares de moedas de ouro. Umas até de espartilho. Os homens, moleirões, mas altos, robustos, homens demorados, com jeitos mansos, querendo gritar que eram honestos, uns com ar de operários, mostrando as mãos calejadas arrecadando vasilhas de cobre e caldeirões. Entupiam as ruas, cavalgando tôda casta de cavalos, côres e tipos, com arreios ricos, de muito brilho, e apregoando vantagens de trocas, depois discutiam entre si, tinindo língua, com palavras muito claras." (p. 11-2, L. 300-19).

A linguagem se atém, em essência, aos padrões gramaticais normativos, mais adequados à situação de comunicação em questão. Os esquemas lingüísticos acentuam a precisão da linguagem, sem que se observe tendência à revitalização do vocabulário, ou mesmo exploração das potencialidades da língua, resultante da concepção de liberdade de construção ficcional. Assim, as correspondências rítmicas das coordenadas fônicas, presentes nos textos editados de *Tutaméia*, não se confirmam no manuscrito de "Faraó e a água do rio". Podemos encontrar situações em que dispomos de uma regularidade de sonoridades harmônicas que comportam ligações fônicas associativas. No entanto, a série rítmica não se aplica obrigatoriamente à intensificação do sentido. O complexo rítmico serve à construção da trama. Inserido no discurso mediante digressões intercaladas, assemelha-se a um simulacro da composição da trama narrativa e, neste sentido, o enriquecimento do ritmo poético não se liga obrigatoriamente à unidade da narrativa, configurando-se como indicação técnica que não suscita nem desenvolve um movimento dramático por ter caráter essencialmente cênico.

"Mas hoje às vezes traquejam no cerrado, a caça frouxa das codornas; e carregam na cintura pêso de garruchas revólveres; e dos tropeiros tomam a arte de tinir

longe por caminhos que vibram no verão como bordões de viola; e armam enormes fogueiras nas noites do descampado, preferindo goiabeira e araçá.” (p. 2, L. 45-50).

Os processos sintáticos não subvertem a norma gramatical e a pontuação diz fundamentalmente respeito mais à ortografia do que ao estilo. Deste modo, a fórmula lingüística caracterizadora do manuscrito “Faraó e a água do rio” não projeta a renovação rosiana no universo ficcional das narrativas de *Tutaméia*.

O exame da documentação relativa aos ciganos permite-nos levantar duas hipóteses. O caráter de unicidade dos manuscritos que se constituíram em estratos potenciais para a elaboração de vários textos sugere a idéia de construção de um único texto longo sobre um tema comum. Ainda, o fato de primeiros textos rosianos apresentarem princípios de constituição de estruturas narrativas e discursivas semelhantes ao manuscrito “Faraó e a água do rio” poderia indicar que este teria sido elaborado em momento inicial da carreira literária do escritor, o que explicaria as regularidades de organização da narrativa subjacentes a estes³.

3. Os primeiros textos em prosa de Guimarães Rosa são: O Mistério de Highmore Hall. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 7 dez. 1929; Makiné. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 9 fev. 1930; Chronos kai Anagkle (Tempo e Destino). *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 21 jun. 1930; “Caçadores de Camurça”. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 12 jul. 1930. A título de confrontação com o texto manuscrito, transcrevemos fragmento de Chronos e Anakle: “Mais tres dias, e teria início o grande torneio internacional de xadrez. Mestres, amadores, diletanti e afficionados, de todos os centros enxadrísticos europeus, haviam accorrido à cidade de K..., importante estação balneária ao sul da Allemanha, onde borborinhava, naquelle fim de verão, uma mistura heterogênea e cosmopolita: slavos barbudos, de olhos somnolentos; judeus aquilinos e esgrovinhados, inglêses compridos, de feições angulosas; allemães louros e pesados, homens amorenados dos países mediterraneos; typos de nacionalidade dubia, specimens da fauna nomade dos hoteis, casinos e transatlanticos. // Sviazline era também o mais novo dos concorrentes à sensacional disputa. Já conquistara, todavia alguns louros importantes na curta carreira de amador e trouxera da pequenina cidade natal, no coração da Ukrania, um mundo de esperanças e illusões. Além de tudo era pobre e o elevado premio em dinheiro permitir-lhe-ia desposar Ephrozine, figura gentil de mulher intimamente unida aos seus sonhos de gloria. Ia defrontar ante o taboleiro intelligencias poderosas, malicias matreiras e escoladas, experiencias sabiamente accumuladas, conhecimentos profundos de theoría.” In: VÁRIOS AUTORES. *Em memória de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1968.



João Guimarães Rosa e os pais, D. Chiquitinha e Florduardo, 1966. In: ROSA, Vilma Guimarães. *Op. cit.*